

UM CURRÍCULO COMO NARRATIVA ÉTNICO-RACIAL: A LITERATURA E A CULTURA NEGRA.¹

Roberta Moreira Couto

Mestranda em Educação

Universidade Federal do Pará

robertacouto.r@hotmail.com.

Profº. Drº. Gilcilene Dias da Costa

Universidade Federal do Pará

costagilcilene@gmail.com

Resumo: O presente artigo tem como objetivo evidenciar a importância da inserção da literatura afro na educação básica, de modo a refletir sobre a problemática das diferenças étnico-raciais no campo escolar assim como de valorização da cultura negra nas escolas colaborando para um currículo que narre essas relações, produzindo e configurando novos tempos de pensamentos sobre as relações étnico-raciais. Trazendo reflexões sobre o estudo numa perspectiva de um multiculturalismo pós crítico baseado na produção das diferenças por meio da literatura compondo um currículo como narrativa étnico-racial, realizando um convite a pensarmos sobre a implementação da lei 10.639/2003 de forma pós-curricular permitindo uma abordagem de construção e produção das diferenças étnicas raciais no ambiente escolar elucidando a historicidade e cultura negra por meio da literatura.

Palavras-chave: Currículo. Relações étnico-raciais. Literatura Afro. Educação básica.

¹ Este artigo faz parte de um estudo no campo do currículo da educação básica realizado durante o programa de Pós-Graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica (PPEB) da Universidade Federal Do Pará, inserida no grupo de estudos e pesquisas de Filosofia, Linguagem e Alteridade na educação (PHILIA).

1 INTRODUÇÃO

“Oh corpo, faça de mim um homem que questione sempre”.

(Frantz Fanon. *Peles Negras Máscaras Brancas*. 2008).

O presente artigo é fruto de um estudo no campo do currículo da educação básica trazendo uma abordagem reflexiva sobre o uso da literatura no que concerne as relações étnicas raciais, objetivando pensarmos nas possibilidades de um currículo como prática de significação cultural que produza e construa um novo pensar sobre as diferenças étnicas raciais, proporcionando uma abordagem da discussão sobre a diferença étnico-racial no campo curricular em uma perspectiva pós crítica emergindo para uma reflexão do currículo como redescrição cultural, apresentando a literatura como forma de interpelação para práticas de significações dentro do ambiente escolar.

Nota-se uma perceptível expansão as discussões que foquem a valorização da cultura negra na sociedade, carregados de uma historicidade opressora a população negra vem se libertando de representações discriminatórias que lhe foram impostas por meio de muitas lutas e resistência á cultura histórica colonizadora que se perpetua como propriedade principal.

Na educação brasileira, irei neste artigo me restringir a Educação básica, esses paradigmas lentamente estão sendo quebrados, em passos tímidos a cultura negra vêm aparecendo nas escolas, assuntos que antes passavam despercebidos aos currículos escolares vem aparecendo com mais constância no teor das disciplinas, essa maior visibilidade muito se deve após a implementação da Lei 10.639/03, tomadas pelo então presidente da republica Luiz Inácio Lula da Silva em nove de Janeiro de 2003 alterou-se o artigo 26-A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação colocando a história e a cultura afro-brasileira no campo das necessidades de conhecimentos primordiais da nação, a partir da publicação desta lei, ficou estabelecido que as escolas de ensino fundamental e médio são obrigados a tratar nos currículos escolares, em especial nas disciplinas de Educação Artística, História e Literatura dos conteúdos referentes a História e Cultura afro-brasileira e da África, a luta dos negros no Brasil e sua contribuição social, econômica e cultural para a formação da sociedade brasileira.

Contudo após uma década de implementação da lei a nossa legislação educacional nota-se um distanciamento em abordar os assuntos efetivamente nos currículos escolares da educação básica, restringindo-se a momentos esporádicos e de “superficialização” de valorização da cultura afro-brasileira em momentos eventuais na escola, continuando invisibilizado em um currículo que não movimenta essa linguagem cultural no tempo e espaço da escola, permanece anestesiado por uma reflexão ultrapassada, representativa, folclorizada, afirmando conceitos generalizadores.

Compreendendo o currículo como um movimento transitório e permanente de produção das diferenças e de diversos conhecimentos culturais, soma-se a importância de se fazer presente permanentemente as relações étnico-raciais, pois sobre o currículo:

Como ser de linguagem, somos nós. E o que linguajamos como geração, raça, gênero, local institucional, religião, ecologia, outridade, orientação sexual, território geopolítico, fluxos de desejo. O que possuímos de consciência, e também de inconsciência, em relação às posições de sujeito que nos foram legadas, e que ocupamos. (CORRAZA, P.14)

Nesse contexto curricular se encontra as relações ético-raciais onde a: “Diferença não é uma característica natural: ela é discursivamente produzida” (SILVA, 2009, p.87).

Baseado na produção das diferenças étnico raciais é importante evidenciar mecanismos didático-pedagógicos que propiciarão um currículo discursivo, “falante” das diferenças, de forma romper com paradigmas de uma supremacia cultural.

2 UM PÓS-CURRÍCULO E AS RELAÇÕES ÉTNICOS RACIAIS (O QUE PRETENDE?)

Em uma perspectiva pós crítica autores como BHABHA (1998), HALL (2003) e FANON (2008) contribuem para pensarmos sobre o hibridismo monopolizador da cultura colonizadora em que se estende a todos os campos da sociedade e inevitavelmente aos currículos escolares, em que a produção das diferenças é o ponto fundamental para que haja o movimento cultural, as aberturas, as entrelinhas que geram, constroem, desconstroem e reconstroem novo pensares e saberes sobre uma determinada cultura.

Fanon (2008, p.84) coloca em cheque a pensarmos sobre a existencialidade do negro, aos questionamentos sobre a própria negritude do ser, partindo de aspectos que incorporam essa existência advinda de um processo histórico colonizador, mas que não se fundamenta somente nestes princípios, pois: “O problema da colonização comporta assim não apenas a interseção de condições objetivas e históricas, mas também a atitude do homem diante dessas condições “. Para Bhabha (1998, p.66) o pensamento de Fanon é a:

A incomoda divisão que quebra sua linha de pensamento mantém viva a dramática e enigmática sensação da mudança. Aquele alinhamento familiar de sujeitos coloniais- NEGRO/BRANCO, EU/OUTRO é perturbado por meio de uma breve pausa e as bases tradicionais da identidade racial são dispersadas, sempre que se descobre serem elas fundadas nos mitos narcisistas da negritude ou da supremacia branca”.

Nesse contexto se pensa em estratégias, formas de interpelar o outro quanto sua diferença independente de qual posição o meu eu esteja ocupando naquele tempo/ espaço. Para um currículo escolar que negue a sobreposição para um deslocamento cultural reescrevendo um currículo polissêmico, multifacetado, diverso, que narre essas relações étnico-raciais.

Halls (2003 ,p.172) em um capítulo da sua obra o qual parte do seguinte questionamento: Que negro é esse na cultura negra? É incisivo ao afirmar que: “As estratégias culturais capazes de fazer a diferença são o que me interessa aquelas capazes de efetuar diferenças e de deslocar as disposições de poder”.

Em um estudo pós-curricular como esclarece Silva (2009, p.149) : “ O poder está espalhado por toda rede social [...] O mapa de poder é ampliado para incluir os processos de dominação centrados na raça, etnia, no gênero e na sexualidade”.

Como resume Corazza (2011,p.14): “ Um currículo é o que dizemos e fazemos com ele, por ele, nele. É nosso passado que veio, o presente que é nosso problema e limite, e o futuro que queremos mudado. É a compreensão de nossa temporalidade e espaço”

Promovendo uma reflexão sobre a conjuntura atual que se encontra o negro no espaço escolar e como esse currículo da educação básica vem articulando estratégias, ações, contextos, formas para que se efetivamente consiga expressar-se a cultura negra nos espaços escolares, problematizar e fazer pensar novas formas e instrumentos de “entrada” para que ocorra uma significativa inter-relação dos sujeitos.

Dessa forma as relações ético-raciais precisam de espaço nos currículos escolares tornando-o visível na escola permitindo o conhecer para produção significativa de conceitos nos alunos, expandindo seus olhares, ideais e valores que estão materializados na representatividade que se configura o negro nos currículos da educação básica como nos vícios de linguagem utilizadas pelos educadores, do negro apresentado de forma folclorizada, escravizada, oprimida, o material didático e paradidático que reforça essa ideia reproducionista de representatividade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessários pensarmos quanto ao estudo no campo curricular sobre uma maior visibilidade das narrativas étnico-raciais encontro na literatura uma expressão humana muito singular e rica nesse processo de construção da relação com o outro, criando estratégias pelo discurso, pela linguagem, desenraizando conceitos e promovendo as diferenças , dessa forma permitir uma maior inserção de leituras sobre a cultura negra é permitir uma desconfiguração do negro de forma

representativa e estereotipada na escola, para um currículo que narre todas e quaisquer relações inclusive as relações étnicas-raciais não de forma abstrata, mas materializando a essência de um povo, seus costumes, sua cultura, suas expressividades orais e corporais, seus ritos, musicalidade, sua ancestralidade escondida e segregada.

Como apontam Bakhtin (1992): “A leitura implica construção de sentidos, pois não se resume apenas em decodificar a mensagem, mas também absorver os múltiplos sentidos que ela proporciona.” Pensar num currículo de construção de significados de um determinado grupo social pensando na interação coletiva, no “nós” como identidade saindo da ideia segregadora de autoafirmação identitária, mas partindo da valorização de uma pluralidade geradora de novos ideais.

De forma a tratar das relações étnicas raciais e

[...] Falar sobre diferenças culturais e seus modos de produção no currículo significa considerar sua existência como invenção, isto é, como produto de ações discursivas colocadas como “norma” a julgar os vínculos entre “nós” e “eles”. Significa dizer que as chamadas culturas “diferentes” quase sempre são tomadas como “objeto histórico” para negar sua invenção no presente. De certo modo, essas invenções tornam as diferenças culturais tão distantes quanto estreitas, tão verossímeis quanto desconhecidas. (COSTA, 2011, p.10)

Nessa perspectiva a literatura entra como preciosa ferramenta didático/metodológica na educação básica para com suas narrativas quebrar as ideias reprodutivistas e estereotipadas, tornando a cultura negra mais palpável ao cotidiano escolar saindo do terreno reprodutor da relação branco/negro de opressor/oprimido, e dando lugar à construção de significados a cultura negra nas escolas da educação básica proporcionando um currículo que narre essas relações étnico-raciais.

4 REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. **O local da Cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

CORRAZA, Sandra. **O que quer um currículo?: pesquisas pós críticas em educação**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

COSTA, Gilcilene Dias da. **Currículo, Narrativas Culturais e processos identitários**. Rev Currículo sem Fronteiras. 2011; 11(2): 54-69.

FANON, Frantz. **Pele Negra Mascaras Brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

HALL, Stuart. **Da diáspora identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG.2003.

LDB. **Leis de Diretrizes e Bases da Educação**. Encontrado no site: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ . Acesso em Junho de 2016.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade; uma introdução às teorias do currículo**. 3. Ed.—Belo Horizonte: Autentica, 2009.